

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 5 – Política e Economia da Informação

O SciELO DIANTE DA PLATAFORMIZAÇÃO DA CIÊNCIA

SciELO IN THE FACE OF THE PLATFORMIZATION OF SCIENCE

Miguel Papi - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
Sarita Albagli - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: o trabalho disserta sobre a relação do SciELO, uma das mais importantes iniciativas da comunicação científica do país, com as maiores empresas do setor em nível internacional. Essas empresas evoluíram de parceiras da publicação científica para grandes plataformas, abarcando quase a totalidade da pesquisa a partir do desenvolvimento de ferramentas que dão suporte à pesquisa. A relação estabelecida entre o SciELO e essas empresas é de natureza dúbia e abarca tanto a visibilidade da ciência periférica ao mesmo tempo que colabora com os processos de dominação do centro com a periferia.

Palavras-chave: SciELO; plataforma da ciência; comunicação científica.

Abstract: the paper discusses the relationship between SciELO, one of the most important scientific communication initiatives in the country, and the major international companies in the field. These companies have evolved from being partners in scientific publishing to becoming large platforms that encompass nearly all research activities through the development of tools that support research. The relationship established between SciELO and these companies is of a dual nature: it enhances the visibility of peripheral science while also contributing to the processes through which the center dominates the periphery.

Keywords: SciELO; platformization of science; scientific communication.

1 INTRODUÇÃO

O SciELO é, talvez, a mais importante iniciativa da comunicação científica do Brasil. Ele conta com uma base de mais de 400 revistas indexadas, com mais de 12 milhões de citações e quase 500 milhões de documentos. Atua em quase todos os países da América Latina, assim como Espanha, Portugal e África do Sul, contabilizando mais de mil periódicos em todas as áreas do conhecimento.

O aumento da visibilidade internacional da ciência brasileira vem sendo, porém, acompanhado das implicações da chamada “plataformização acadêmica”, em que os dados

dos pesquisadores e da sua produção científica são usados para gerar renda informacional para as grandes empresas do setor, principalmente Clarivate e Elsevier, que são as donas das maiores bases de dados da produção científica mundial.

Este trabalho analisa o papel do SciELO diante de um cenário de transformação dos modelos de negócio da comunicação científica e da plataformização da ciência, suas controvérsias e questões. Para isso, foi feita uma revisão da literatura sobre o processo de plataformização da ciência, principalmente no que diz respeito à comunicação científica, a qual foram somadas entrevistas com atores envolvidos na construção e manutenção do SciELO.

2 PLATAFORMIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Para analisarmos a relação do SciELO com as empresas que dominam a comunicação científica no mundo, é preciso entender o processo de construção do que chamamos de plataformização, que abarca quase a totalidade da vida social, situada no contexto do que se caracteriza como capitalismo de plataforma (Srnicsek, 2016).

Este é resultado de uma combinação entre a ciência cibernética, e sua posterior evolução em tecnologias da informação e comunicação, e a hegemonia do neoliberalismo em nível mundial, desde o final do século XX, como ideologia e modo de regulação (Dardot; Laval, 2016), de forma que a informação, o conhecimento e, mais recentemente, os dados assumem nova centralidade na criação de valor, baseados na ideia de uma neutralidade técnica.

As plataformas ocupam, atualmente, papel privilegiado de mediação entre as relações sociais e econômicas permitindo-lhes exercer enorme poder na contemporaneidade. Elas se caracterizam por apresentarem “[...] economias de escala e escopo; efeitos de rede; modelos de negócios envolvendo subsídios cruzados; geração, captura e uso de dados” (Gawer; Srnicsek, 2021, p. 11), atuando, ainda, como reguladoras privadas de seu ecossistema. Exatamente por conta dessa posição, o valor da plataforma está na quantidade de usuários que ela consegue manter ativos, pois, acima de tudo, as plataformas são mediadoras de ofertas de produtos e serviços (Dantas, 2019), gerando renda a partir da extração e processamento de dados pessoais (Ormay, 2019).

Diferente da forma tradicional da produção capitalista, onde o dono do capital investe em matérias-primas e mão de obra a fim de criar uma mercadoria que será comercializada ao final da produção, realizando o valor (Marx, 2011), no mercado da

comunicação científica, o processo de acumulação se dá por outros mecanismos. Não há a compra da força de trabalho (cientistas que produzem as pesquisas e que fazem circular seus resultados em forma de texto), mas há a comercialização da mercadoria artigo. A forma de criação de valor passa tanto pela apropriação do trabalho dos cientistas, por meio da comercialização direta de artigos, a partir do acesso fechado, ou no modo taxa de processamento de artigos (article processing charges – APC, na sigla em inglês) para publicação em acesso aberto, quanto pela venda de serviços criados a partir da extração de dados da pesquisa na forma de avaliação da produção ofertados a Estados e instituições de pesquisa. O que entendemos como acumulação pela renda informacional (Ormay, 2019).

A adoção do modelo de cobrança para a publicação (APC), que foi entendida pelo encontro de Budapeste como parte do Acesso Aberto, permitiu às empresas do setor continuarem fazendo negócios com a produção científica. Agora, embora o acesso aos artigos não fosse mais cobrado, a publicação era. Isso inverteu o fluxo da informação. Se antes todos podiam publicar, mas poucos liam, agora poucos, concentrados nos países centrais, podem publicar, mas todo o mundo pode ler. Ou seja, agora, mais do que nunca, lemos a produção do norte global, e por isso estamos submetidos a sua visão de mundo.

Como boa parte da publicação científica está nas mãos de empresas do norte global, esse sistema implica uma série de problemas de ordem geopolítica, econômica e social, que vão desde o maior acúmulo de riquezas nos países centrais até riscos à privacidade, a partir de modelos de negócios que utilizam dados pessoais. A plataformização da ciência é parte desse processo, ampliando a dependência em relação aos centros da produção científica mundial (Albuquerque; Oliveira, 2021; Chen; Posada; Chan, 2019; Trinca; Papi; Albagli, 2022).

A ciência, como parte da produção cultural humana, já exercia um importante papel no complexo sistema de forças econômicas e políticas em nível mundial bem antes de qualquer processo de plataformização. Bernal (1964) havia ressaltado o desenvolvimento desigual da ciência, com o predomínio das estratégias dos países centrais para promover “suas” ciências, como foi o caso da cibernética, a partir do estímulo militar. O autor destacou também que a ciência pode tornar-se uma força importante na mudança social (Bernal, 1964). A ciência, afinal, é ao mesmo tempo agente e objeto dos processos de geração e exploração de valor no mundo contemporâneo.

A comunicação científica, dessa forma, tem estado no centro dos processos de plataformização acadêmica. Isso acontece a partir de movimentos de reação e contrarreação

em meio aos movimentos pela abertura da ciência (Appel; Albagli, 2018). Em um primeiro momento esses movimentos focavam no acesso aberto às publicações científicas, desde as formas impressas de comunicar até os novos desafios da comunicação digital, contestando os altos preços cobrados pelas editoras (Kuramoto, 2006). Como contrarreação, as empresas do setor voltaram seus modelos de negócio baseados em duas estratégias. A cobrança para as publicações abertas, por meio das APCs e dos Acordos Transformativos (Trinca, 2023); e novas formas de extração de renda a partir do uso dos dados pessoais dos cientistas envolvidos na produção e leitura dos textos acadêmicos.

Nos chamados Acordos Transformativos as empresas vendem serviços conjugados combinando Acesso Aberto, APC e infraestruturas de dados. Essas ações prendem a instituição à empresa prestadora de serviço, de onde ela pode continuar a extrair os dados que serão utilizados para a venda de serviços, que a própria instituição, ou governo, paga para usar, reforçando a dependência das empresas e tecnologias dos países centrais. Isso acontece a partir da criação de novos serviços digitais, crescentemente oligopolizados, que permeiam as várias etapas do fazer científico, afetando também os processos de avaliação e financiamento.

Seja por meio de compra de serviços já existentes, ou desenvolvimento de ferramentas próprias, essas empresas criaram verdadeiros oligopólios da comunicação científica num processo conhecido como integração vertical, onde uma só empresa domina todas as etapas da produção de determinados produtos (Chen; Posada; Chan, 2019). No caso das empresas que prestam serviço para o aparato institucional que dá suporte à pesquisa científica, isso significa estar presente do laboratório ao periódico.

Elas conseguem extrair dados em quatro momentos distintos da atividade dos cientistas:

1. extração de dados dos registros de buscas, acessos e interações dos usuários; 2. coleta de dados pessoais, institucionais, metadados e informações da pesquisa via fornecimento “consentido/acordado”; 3. coleta do conjunto de dados de pesquisa por compartilhamento (*data sharing*); e 4. extração de dados através da integração com sistemas identificadores, por extensões de rede, de produtos e serviços (API de coleta), ou aperfeiçoamento e/ou aquisição e desenvolvimento de diversas ferramentas (Trinca; Papi; Albagli, 2022, p. 9).

A partir daí, empresas, que até então se apresentavam como parte da estrutura editorial da comunicação científica, vão passar também a atuar como empresas de dados, submetendo as instituições à dependência de uma rede de serviços, sem nenhuma

transparência sobre seus usos, enfraquecendo ainda mais o sistema público da comunicação científica (Trinca, 2023).

3 CRIAÇÃO DO SciELO

A incipiente comunicação científica digital, no final da década de 1990, apresentava desafios para os editores, como a própria desconfiança sobre uma comunicação digital incipiente em contraposição às possibilidades de novas métricas geradas a partir da atividade na rede. A isso, se somava um exponencial aumento da produção intelectual, já observada por Price (1971), ainda na década de 1970. Assim, as reuniões regulares da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), anteriores à criação do SciELO, já levantavam a necessidade da criação de algum sistema que pudesse criar métricas necessárias para uma nova forma de avaliação, além de indexar o conteúdo produzido e garantir às revistas brasileiras a necessária infraestrutura para publicar no meio digital ascendente (Guedes, 2012).

Em 1997, em Itatiaia, no Rio de Janeiro, surgiu a ideia de uma biblioteca virtual para indexar a produção científica, o que foi o embrião do SciELO. Depois disso a *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)* assumiu a responsabilidade e chamou Abel Packer para comandar o projeto. Depois de criado, o SciELO passou a também colaborar com o processo de internacionalização da ciência brasileira e latino-americana, além de criar métricas para o estudo da produção científica e critérios de qualidade para os incipientes periódicos digitais (Guedes, 2012).

A participação na base SciELO, desde o seu lançamento, foi um objeto de desejo dos editores por representar, além de maior visibilidade, um selo de qualidade para os periódicos participantes, chancelado pelos sistemas locais de avaliação. Isso porque a criação do SciELO, antes de tudo, foi a criação de uma metodologia de publicação, unindo novas formas de avaliação quantitativa e qualitativa. Foi o que o Seminário “Critérios de Avaliação e Seleção de Periódicos Científicos”, realizado em 1999 apontou: uma forma de avaliação mista entre a avaliação meramente quantitativa, centrada no número de citações e downloads, e uma análise qualitativa, apoiada na percepção e imagem da revista, realizada por pares, cientistas do mesmo campo que reconheciam a autoridade daquele periódico e sua importância (Lapido, 2009; SciELO, 2022). Isso passava por uma interação entre critérios objetivos, centrados em aspectos formais somados às métricas produzidas pelo rastro digital (forma), e

subjetivos, centrados no reconhecimento de autoridade a partir da ação dos pares na avaliação (conteúdo) (SciELO, 2022). Esses últimos, corroboram para o reconhecimento da autoridade do cientista pelos pares do campo em que está inserido (Bourdieu, 2004).

O resultado do encontro, foi a criação do documento sobre os critérios de entrada e permanência do SciELO, que é renovado a cada dois anos, sempre buscando ampliar as exigências feitas às revistas para que continuem constando na base de dados. É por meio dele que se impõem aos periódicos algumas medidas polêmicas e, mais recentemente, o direcionamento do SciELO para os princípios e diretrizes ligados à ciência aberta. Assim, as publicações em pré-prints, publicação contínua, dados abertos e avaliações por pares abertas, e os princípios FAIR (*findable, accessible, interoperable, and reusable* – localizável, acessível, interoperável e reutilizável) e DEIA (diversidade, equidade, inclusão e acessibilidade) estão em processo de construção dentro do SciELO. Esses últimos, ligados aos objetivos de abertura da ciência, como foi o processo de outras mudanças, ainda não são obrigatórios, mas apontam para uma direção sobre a visão do grupo dirigente do SciELO sobre a comunicação científica (SciELO, 2022).

4 CONTROVÉRSIAS

A pesquisa revelou um conjunto de controvérsias em torno das estratégias adotadas ao longo do desenvolvimento do Scielo. Se algumas mudanças apontadas pelos documentos sobre os critérios para entrada e permanência do SciELO indicam melhoras na comunicação científica, outros se alinham ao modo de produzir e comunicar conhecimento dos países centrais. Essa postura do SciELO, em muitas vezes alinhada com as mudanças para uma plataforma da ciência, geraram controvérsias nos atores envolvidos com sua construção como vemos a seguir.

4.1 Métricas - O SciELO Citation Index¹ foi criado em parceria com a Clarivate, em 2014, e opera a partir da transferência dos dados do SciELO para a Web of Science (WOS). Essa relação acaba por reforçar o Fator de Impacto (métrica baseada apenas em citações e em um número restrito de revistas) como forma de avaliação da produção científica (Aguado-López, 2018).

¹ Disponível em: <https://webofscience.help.clarivate.com/Content/scielo-citation/scielo-citation-index.htm>

4.2 Integração ao fluxo global de informação científica - A relação do SciELO com as bases internacionais de indexação da ciência é apontada como um problema, principalmente no que diz respeito à cessão dos dados da produção latino-americana para as empresas, Clarivate e Elsevier, na forma do XML, que é o coração do sistema de publicação.

4.3 Licença CC-BY - O uso obrigatório da licença CC-BY do *Creative Commons* que permite o uso comercial da produção indexada no SciELO é alvo de críticas, mas há também quem o defenda ante o entendimento de que a informação científica é livre para qualquer tipo de uso, inclusive o comercial.

4.4 Uso de ferramentas proprietárias para submissão de artigos - O uso do ScholarOne, sistema de gerenciamento editorial da Clarivate, é também criticado, por extrair mais dados pessoais dos cientistas contribuindo para as relações internacionais de dependência dentro do campo científico; por outro lado, aponta-se que a preferência dos editores em usar as ferramentas proprietárias deve ser respeitada. O uso da ferramenta nas revistas indexadas, no entanto, se equipara ao número de revistas que usam o *Open Journal System* (OJS), que é um sistema livre, criado e administrado por uma comunidade internacional, o que garante uma soberania de ações para a ciência periférica.

4.5 Idioma de publicação - O SciELO requisita a publicação em inglês, como forma de internacionalização da ciência latino-americana, inclusive como um dos critérios de aceitação e permanência. Embora a exigência da quantidade de publicações em inglês varie conforme o país e a área de conhecimento, o Brasil é o único que tem em suas bases mais publicações em inglês do que na sua própria língua.

4.6 APC - É possível encontrar diversos materiais onde os coordenadores do SciELO defendem o uso do APC como forma de financiar os custos de publicação de um periódico, apesar de manter a crítica aos altos preços cobrados pelas editoras internacionais,

4.7 Internacionalização e visibilidade - o SciELO se manteve firme em seus propósitos no que diz respeito à inserção da ciência latino-americana na “cadeia ou fluxo global da informação científica” como forma de aumentar a visibilidade internacional da ciência brasileira. Não há um questionamento sobre o caráter subordinado dessa inserção, nem que essas sejam bases privadas que detêm um poder enorme de indexação da produção científica

4.8 Financiamento e interoperacionalidade - A ausência de garantia de fontes de financiamento e a dependência de fontes exclusivamente públicas para empreendimentos de comunicação científica desse porte é mais uma das controvérsias. De 2016 a 2019, foram

investidos no SciELO, por parte da Fapesp, R\$ 21.756.884,07, equivalentes a cerca de R\$ 7.252.294 milhões ao ano (Marques, 2018), o que é considerado insuficiente pela equipe gestora do SciELO.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do conjunto de controvérsias descritas acima, podemos afirmar que o SciELO é um projeto de sucesso, reconhecido em todo o mundo como um espaço de uma comunicação científica de qualidade e um projeto que amplia o alcance das pesquisas ali listadas.

O SciELO cumpre um papel de ampliar a visibilidade da produção brasileira, ao mesmo tempo em que fornece uma infraestrutura para as revistas, rompendo a desconfiança inicial em relação à incipiente comunicação digital. Mas o faz ao custo do alinhamento com o “fluxo global de informação”, termo que aparece repetidas vezes em seus documentos. Isso significa estar alinhado com o modus operandi da ciência internacional, dominada por grandes empresas antes mesmo da virada digital.

A relação do SciELO com as grandes empresas de comunicação científica internacional potencializa o modo monopolista de dominação da comunicação científica, uma vez que a reconfiguração do mercado está baseada em aquisições, fusões de plataformas e desenvolvimento de ferramentas que visam a integração vertical dos serviços. Esses novos modelos de negócios envolvem a integração de serviços dentro de um ecossistema que, muitas vezes, envolve a participação de um conjunto de empresas e outros atores monopolistas, em nome de uma suposta eficiência na provisão serviços de publicação, avaliação e métricas da ciência (Chen; Posada; Chan, 2019).

A adoção ou a adesão de plataformas proprietárias de geração, gestão ou difusão de informações científicas oferecem algumas vantagens para os usuários, principalmente os editores de periódicos, porém, possibilitam um processo de captura de dados, em meio ao qual as instituições acabam contribuindo para estratégias das empresas que visam lucro, principalmente no quesito de diversificação e variedade de conteúdo das plataformas proprietárias, uma vez que suas bases de artigos são recorrentemente criticadas por negligenciarem conteúdo publicado em idioma diferente do inglês ou de regiões periféricas.

A contrapartida da visibilidade, nesse caso, se concretiza muitas vezes de maneira difusa, já que o conteúdo indexado, “empacotado” nessas bases de dados, perde a sua

identidade ou relação com o contexto local ou original de produção, desprivilegiando suas instituições, seus países, autores etc. (Appel; Albagli, 2019).

Essas relações entre uma iniciativa de digitalização da ciência periférica e as empresas que exploram a comunicação científica, que são feitas em bases do Acesso Aberto da produção intelectual, deixam clara a forma como o capitalismo de plataforma (Srnicek, 2016) atua na ciência. As empresas que há décadas exploram a comunicação científica por meio da prestação de serviços de comunicação para a ciência fizeram isso a partir do modelo clássico de exploração dos Direitos de Propriedade Intelectual. Mas agora estão cada vez mais voltadas para a exploração dos dados gerados na interação entre os entes, públicos e privados, de divulgação de resultados de pesquisas, buscando novas formas de exploração rentista da ciência. No entanto, não renunciam ao modelo antigo, de forma que as formas de geração de valor convivem nesse novo modelo. Esse é um dos mecanismos centrais de manutenção das relações de poder entre as nações que têm na produção do conhecimento um dos seus pilares.

O SciELO, nesse contexto, acaba por desempenhar um papel duplo, ao mesmo tempo em que promove a visibilidade da ciência brasileira, reforça as relações assimétricas nos sistemas de circulação do conhecimento associados ao modelo internacional de avaliação e indexação das publicações científicas.

Uma alternativa para experiências periféricas como o SciELO diante do quadro apresentado seria atuar em conjunto com outras iniciativas na região, como a Redalyc, por exemplo. Poderiam, em conjunto, ampliar o uso de ferramentas livres garantindo independência em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico do norte global. Da mesma forma, poderiam em conjunto favorecer o próprio desenvolvimento científico das regiões periféricas, colaborando com a construção de bem-estar dessas populações, a partir da construção de um conhecimento de fato livre de amarras econômicas.

REFERÊNCIAS

AGUADO-LÓPEZ, Eduardo. La fragmentación del Acceso Abierto en Latinoamérica lo inserta en un futuro incierto. **Voces Amelica**, 2018. Disponível em: <http://amelica.org/index.php/2018/11/07/la-fragmentacion-del-acceso-abierto-en-latinoamerica-lo-inserta-en-un-futuro-incierto/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ALBUQUERQUE, Afonso de; OLIVEIRA, Thaianne de. Pensando o recolonial nos estudos da Comunicação: reflexões a partir da América Latina. **Comunicação Mídia e Consumo**, São

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Paulo, v. 18, n. 51, p. 81-100, 2021. Disponível em: DOI 10.18568/CMC.V18I51.2521. Acesso em: 25 fev. 2023.

APPEL, André Luiz; ALBAGLI, Sarita. Dimensões tecnopolíticas e econômicas da comunicação científica em transformação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: ANCIB, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1298/1640 Acesso em: 15 abr. 2022.

APPEL, André Luiz; ALBAGLI, Sarita. Acesso Aberto em questão: novas agendas e desafios. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 29, n. 4, p. 187–208, 28 dez. 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/147969>. Acesso em: 16 ago. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

CHEN, George; POSADA, Alejandro; CHAN, Leslie. Vertical integration in academic publishing : implications for knowledge inequality. *In*: MOUNIER, Pierre (org.). **Connecting the knowledge commons — from projects to sustainable infrastructure**: the 22nd International Conference on Electronic Publishing – Revised Selected Papers. Laboratoire d'idées. Marseille: OpenEdition Press, 2019.

DANTAS, Marcos. The financial logic of internet platforms: the turnover time of money at the limit of zero. **tripleC: Communication, Capitalism & Critique**, Viena, v. 17, n. 1, p. 132–158, 14 maio 2019. Disponível em: <https://www.triplec.at/index.php/tripleC/article/view/1088>. Acesso em: 04 mar. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

GAWER, Annabelle; SRNICEK, Nick. **Online platforms**: economic and societal effects. LU: Publications Office, 2021.

GUEDES, Rodrigo Duarte. **O Projeto SciELO e os Repositórios Institucionais de Textos Científicos**. 2012. 141f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) — Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/GUEDES-R.D..pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 2, p. 91–102, ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000200010>. Acesso em: 18 ago. 2025.

LAPIDO, Fabiana Montanari. SciELO e a qualidade dos periódicos científicos brasileiros. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDITORES CIENTÍFICOS ABEC, 12., 2009, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: ABEC, 2009. Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

https://www1.abebrasil.org.br/eventos/palestras/xii_encontro/quarta/tarde/Fabiana%20Montanari%20Lapido.pdf Acesso em: 18 set 2023.

MARQUES, Fabrício. Produção científica acessível. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 259, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/producao-cientifica-acessivel/>. Acesso em: 15 maio. 2021.

MARX, Karl. **O Capital - Livro 1**: Crítica da economia política. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

ORMAY, Larissa Santiago. Propriedade intelectual e imperialismo. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 21, n. 2, p. 7–25, 14 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/11497>. Acesso em: 16 maio 2023.

PRICE, Derek J. de Solla. **Little science, big science**. New York, NY: Columbia University Press, 1971.

SCIELO. **Crítérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/media/files/20220900-criterios-scielo-brasil.pdf> Acesso em: 30 jun. 2023.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge, UK: Polity Press, 2016.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. CAPES promove debate sobre Acordos Transformativos. **CindaLab Blog**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://cindalab.ibict.br/blog/capes-promove-debate-sobre-acordos-transformativos/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

TRINCA, Tatiane Pacanaro; PAPI, Miguel Enrique Silveira; ALBAGLI, Sarita. Capitalismo de plataforma e plataformização na ciência. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANCIB, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/view/992>. Acesso em: 2 out. 2023.